

CRER PARA COMPREENDER

Razão e experiência sob a autoridade da Palavra

Teologia Sistemática · Capítulo 6 · Parte 1: Prolegômenos

D. G. DE SOUZA

TS-S01-006

6.1

O que É a Razão?

No capítulo anterior vimos que a Escritura é a fonte primária e a norma da teologia, e que a razão e a experiência trabalham debaixo dela. Mas que papel elas têm, exatamente? A fé é contrária à razão? A experiência cristã prova alguma coisa? E como chegamos a ter certeza de que a Bíblia é Palavra de Deus?

Duas Maneiras de Usar a Palavra

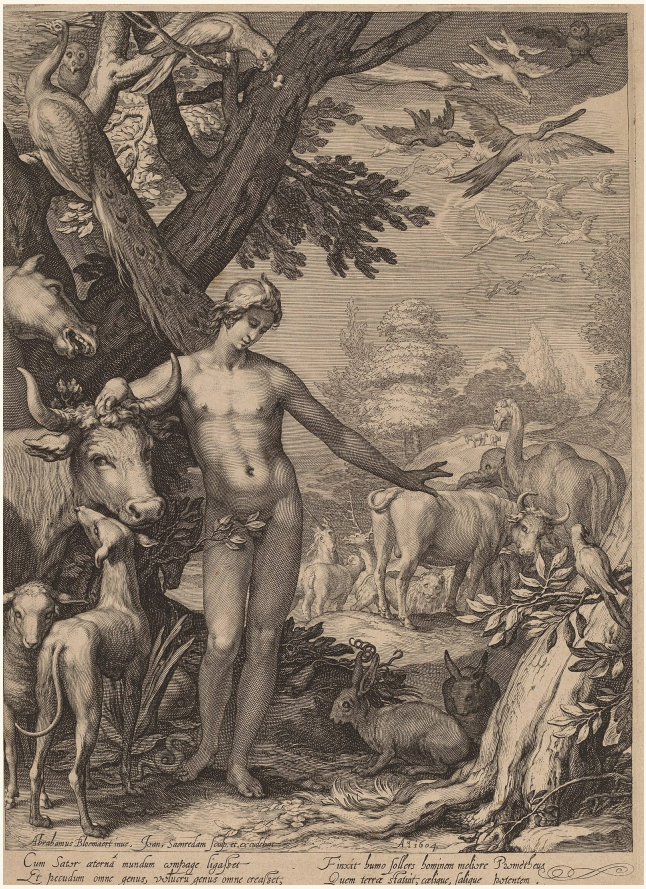
A palavra "razão" é usada em dois sentidos bem diferentes, e muita confusão vem de misturá-los. No primeiro sentido, razão é a capacidade que Deus deu ao ser humano de entender, comparar, julgar e tirar conclusões. Ninguém faz teologia sem ela. Para ler um versículo precisamos entender as palavras, perceber como uma frase se liga à outra e comparar o que um texto diz com o que outro diz. Nesse sentido, até o crente mais simples usa a razão toda vez que abre a Bíblia.

No segundo sentido, a razão é tomada como juíza da verdade religiosa. O que ela consegue demonstrar é aceito, e o que ela não consegue é posto de lado. Essa atitude se chama racionalismo. O racionalista não se contenta em usar a mente para entender o que Deus disse. Ele quer decidir de antemão o que Deus pode ou não pode ter dito.

Lutero usava uma distinção que já apareceu no capítulo anterior. A razão tem um uso ministerial, de serva, quando trabalha sobre a Palavra para entendê-la, e um uso magisterial, de senhora, quando se coloca acima da Palavra para julgá-la.

A teologia cristã sempre aceitou o primeiro uso e sempre resistiu ao segundo. A razão é uma serva excelente e uma péssima senhora.

A Razão na Criação e na Queda



Adão dá nome aos animais no Éden. A tarefa supõe uma criatura capaz de entender, e por isso a razão faz parte da imagem de Deus no ser humano.

Jan Pietersz Saenredam, segundo Abraham Bloemaert, *Adão dá nome aos animais*, 1604, National Gallery of Art, Washington (CC0)

A razão faz parte da imagem de Deus no ser humano. Deus fala com Adão, dá a ele uma ordem, o encarrega de dar nome aos animais, e tudo isso supõe uma

criatura capaz de entender. Por isso a Escritura nunca trata a inteligência como inimiga da fé. Jesus resumiu a Lei mandando amar a Deus "com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento, e com todas as tuas forças" (Marcos 12:30).

Mas a queda também atingiu a mente. Paulo diz que os gentios andam "na futilidade das suas mentes" e que "têm o entendimento nas trevas, e estão separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração" (Efésios 4:17-18). Em Romanos ele explica que os homens conheceram a Deus pelas coisas criadas, mas não o glorificaram, e "perderam o bom senso em seus pensamentos, e seus tolos corações ficaram em trevas. Chamando a si mesmos de sábios, tornaram-se tolos" (Romanos 1:21-22). Observe a ordem. O problema começou no coração que não quis dar glória a Deus, e só depois chegou ao pensamento.

Isso não quer dizer que a mente humana ficou incapaz de qualquer coisa. O ser humano caído constrói pontes, cura doenças, escreve leis justas e faz descobertas admiráveis. Calvino explicou essa diferença com uma distinção que continua útil:



"Há um entendimento das coisas terrenas e outro das celestiais. Chamo de terrenas as coisas que não dizem respeito a Deus e ao seu reino, à verdadeira justiça e à bem-aventurança da vida futura. [...] As celestiais são o puro conhecimento de Deus, o caminho da verdadeira justiça e os mistérios do reino celestial."

João Calvino, *Institutas*, II.2.13, tradução nossa

Nas coisas terrenas, diz Calvino, a razão ainda mostra muito da sua força, e todo bem que ela produz é dom de Deus, mesmo nas mãos de quem não o conhece. Nas coisas celestiais, porém, ela tropeça. Paulo diz isso de modo direto: "o ser humano natural não compreende as coisas que são do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não as pode entender, porque se compreendem espiritualmente" (1 Coríntios 2:14). O texto não opõe o Espírito à inteligência. Ele opõe a inteligência entregue a si mesma à inteligência iluminada pelo Espírito.

Acima da Razão, Não Contra a Razão

Uma terceira distinção ajuda a entender o mistério cristão. Uma coisa é o irracional, aquilo que contradiz a si mesmo, como dizer que algo é e não é ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Outra coisa é o que está acima da razão, aquilo que a mente humana não consegue alcançar sozinha nem explicar por inteiro, mas que não contém contradição. A Trindade, a encarnação e a criação do nada estão nessa segunda categoria. Não sabemos explicar como o Pai, o Filho e o Espírito são um só Deus, mas a doutrina não diz que são três deuses e um deus, nem três pessoas e uma pessoa. Ela diz que são três pessoas e um só Deus, e isso a razão pode receber sem trair a si mesma.

O Senhor avisou que os seus pensamentos não são os nossos: "Porque tal como os céus são mais altos que a terra, assim também meus caminhos são mais altos que vossos caminhos, e meus pensamentos mais altos que vossos pensamentos" (Isaías 55:9). E Moisés lembrou ao povo que "as coisas secretas pertencem ao SENHOR nosso Deus: mas as reveladas são para nós e para nossos filhos para sempre" (Deuteronômio 29:29). A fé pode ir além da razão sem contradizê-la. O que ela não pode é acreditar em absurdos e chamar isso de fé.

6.2

Fé e Razão

O que a Bíblia Diz

A Escritura não pede que o crente desligue a mente. O Senhor chama o seu povo culpado para uma conversa: "Vinde, então, e façamos as contas, diz o SENHOR" (Isaías 1:18). Paulo pede aos coríntios que não sejam "meninos no entendimento", mas "adultos no entendimento" (1 Coríntios 14:20). E o texto mais completo sobre o assunto está no começo da parte prática de Romanos:

> *Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com a presente era; mas transformai-vos pela renovação da vossa mentalidade, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.*
>
> ROMANOS 12:1-2

O culto é "racional", a mente precisa ser renovada, e a mente renovada "experimenta" a vontade de Deus. O verbo grego *dokimazō* quer dizer testar, provar e aprovar. Razão e experiência aparecem juntas, mas as duas vêm depois das "misericórdias de Deus" e dependem de uma renovação que só a graça produz.

A pregação dos apóstolos também argumentava. Em Tessalônica, Paulo "argumentava com eles pelas Escrituras", mostrando "que era necessário que o Cristo morresse, e ressuscitasse dos mortos" (Atos 17:2-3). Diante de Festo, que o chamou de louco, ele respondeu: "Eu não estou louco, excelentíssimo Festo; mas eu declaro palavras de verdade e de um são juízo" (Atos 26:25). E Pedro manda os crentes estarem "sempre preparados para responder com mansidão e respeito a todo aquele que vos pedir a razão da esperança que há em vós" (1 Pedro 3:15).

Ao mesmo tempo, a Bíblia adverte contra a sabedoria que se fecha em si mesma. "Pois já que, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sabedoria, Deus se agradou de salvar os que creem por meio da loucura da pregação" (1 Coríntios 1:21). Paulo também avisa os colossenses: "Cuidado que ninguém vos tome cativos por meio de filosofias e de enganos vãos, conforme a tradição humana, conforme os elementos do mundo, e não conforme Cristo" (Colossenses 2:8). O que a Bíblia condena é o pensamento que se levanta contra Deus, e o programa do apóstolo é levar "como prisioneiro todo pensamento para a obediência a Cristo" (2 Coríntios 10:5).

O que É a Fé?

Parte da confusão entre fé e razão vem de uma ideia errada de fé, como se crer fosse aceitar uma coisa sem nenhum motivo. A fé bíblica é diferente. Os teólogos protestantes do século 17 a descreviam em três partes. A primeira é o conhecimento (*notitia*) do que Deus revelou. A segunda é o assentimento (*assensus*), a convicção de que aquilo é verdade. A terceira é a confiança (*fiducia*), o descanso pessoal em Cristo. A fé envolve a mente, mas não se reduz a ela, porque é possível saber e concordar sem confiar.

Hebreus define a fé como "a certeza das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem" (Hebreus 11:1). A fé tem certeza, e uma certeza firme,

mas a sua firmeza vem de fora de nós. Ela se apoia na palavra de quem prometeu. Por isso o mesmo capítulo diz que "pela fé entendemos que o universo foi aprontado pela palavra de Deus" (Hebreus 11:3). Longe de dispensar o entendimento, a fé abre caminho para ele.

A fé cristã também está ligada a fatos. Paulo diz que "se Cristo não ressuscitou, então é vã nossa pregação, e vã também é vossa fé" (1 Coríntios 15:14), e lembra que o Cristo ressuscitado "foi visto de uma vez por mais de quinhentos irmãos, dos quais a maioria ainda vive" (1 Coríntios 15:6). Pedro afirma que os apóstolos não seguiram "mitos criados pela inteligência humana", mas foram "testemunhas oculares" (2 Pedro 1:16). Uma fé que não se importa com a verdade dos fatos não é a fé do Novo Testamento.

Posições na História

Atenas e Jerusalém

Por volta do ano 200, Tertuliano fez uma pergunta que ficou famosa: "Que tem Atenas a ver com Jerusalém?" (*Prescrição contra os hereges*, 7). Atenas representava a filosofia grega, e Jerusalém, a revelação. Tertuliano via nas heresias do seu tempo o resultado da mistura do evangelho com a filosofia, e queria manter as duas coisas separadas. Ele mesmo, porém, argumentava com muito rigor, e o que recusava era a filosofia como fonte de doutrina.

Crer para Entender

Agostinho encontrou o caminho que a Igreja do Ocidente seguiria por muitos séculos. Num sermão, ele disse: "entende para que creias; crê para que entendas" (*Sermão* 43, 9). A razão prepara o caminho da fé, mostrando que crer não é tolice, e depois a fé abre à razão um campo que ela sozinha não alcançaria. Anselmo de Cantuária deu a essa ideia a forma clássica. O primeiro título do seu

Proslógio, de 1078, era *Fides quaerens intellectum*, "a fé que busca entender", e ele escreveu ali: "não procuro entender para crer, mas creio para entender".

Razão Natural e Revelação



Tomás de Aquino, com o livro aberto e uma igreja nas mãos, no painel de Carlo Crivelli. Para ele, a graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa.

Carlo Crivelli, *Santo Tomás de Aquino*, 1476, painel do políptico de Ascoli, National Gallery, Londres (domínio público)

Tomás de Aquino, no século 13, distinguiu as verdades que a razão natural pode alcançar, como a existência de Deus, das que só a revelação dá a conhecer, como

a Trindade e a encarnação. Para ele, a graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa (*Suma teológica*, I, q. 1, a. 8). Esse modelo se tornou o da Igreja Católica Romana. O Concílio Vaticano I (1870) ensinou que Deus pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão a partir das coisas criadas, e que a fé e a razão nunca estão em verdadeiro desacordo. João Paulo II, na encíclica *Fides et ratio* (1998), comparou as duas a duas asas com que o espírito humano se eleva para a verdade.

Os Reformadores

Os reformadores desconfiavam mais da razão natural nas coisas de Deus. Lutero, no último sermão que pregou em Wittenberg, em 1546, chegou a chamar a razão de prostituta do diabo. A frase é forte, mas ele falava da razão que se põe como juíza da Palavra e acha loucura a justificação do pecador pela fé. O mesmo Lutero, em Worms, apelou à Escritura e à "razão evidente". Ele também dizia que "só a experiência faz o teólogo", pensando na oração, na meditação da Palavra e nas provações pelas quais o cristão aprende o que lê.

Calvino seguiu a mesma linha. Ele valorizava muito o saber humano, chamava as artes e as ciências de dons do Espírito e não queria que o crente desprezasse a verdade só porque foi encontrada por um pagão (*Institutas*, II.2.15). Mas insistia que, nas coisas de Deus, a mente caída precisa da Escritura como de óculos para enxergar com clareza (I.6.1), e da luz do Espírito para crer.

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO TS-S01-006

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *Razão e experiência sob a autoridade da Palavra*. O fascículo inteiro tem 35 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender